



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

A FORMAÇÃO DO LEITOR: TUDO COMEÇA NA INFÂNCIA

ANGILENE SANTOS NASCIMENTO

EIXO: 5. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

Resumo

O texto tem como objetivo destacar a importância do hábito de ler de forma espontânea, a influência dos pais e professores nesse processo, assim como a necessidade de respeitar as limitações e peculiaridades de cada pequeno leitor. Ressalta como questões simples podem se transformar em questões taxativas para se transformar uma criança em um leitor ávido ou estagnar de forma definitiva o hábito da leitura. Respalhando-se em teóricos da Educação, como Spencer (1924), Dewey (1965), Fröebel (2001), dentre outros, mostra como a infância é a fase mais importante para que a criança assimile e descubra o prazer da leitura pelo resto da vida. Enfatiza sobre alguns mitos que circundam a prática da leitura na infância e como estes são prejudiciais aos hábitos de ler, mitos estes praticados muitas vezes por aqueles que deveriam ser os motivadores, pois as referências dessa fase são determinantes para a maneira como elas se comportarão diante dos livros e da leitura no futuro.

Palavras-chave: Estimulo a leitura. Aprendizagem da leitura. Infância.

Abstract

The text's objective is to highlight the importance of the habit of reading spontaneously, the influence of parents and teachers in this process, as well as the need to respect the limitations and peculiarities of each little reader. It underscores how simple questions can become exhaustive issues to turn a child into a bookworm or permanently stagnate their reading habits. Supported - in theorists' Education, as Spencer (1924), Dewey (1965), Froebel (2001), among others. It shows how childhood is the most important phase for the child to assimilate and discover the pleasure of reading for life. It also emphasizes some myths surrounding the practice of reading in childhood and how these are harmful habits of reading. These myths are often practiced by those who should be the motivators, because the references of this phase are crucial to the way they behave in the books and reading in the future.

Keywords: Stimulating reading. Learning to read . Childhood.

1. INTRODUÇÃO

O brasileiro é um povo que lê pouco, as pesquisas são taxativas ao afirmar isto, sendo que são vários os fatores que interferem nessa situação, trata-se de uma questão que é muito densa e em poucas páginas não é possível elucidar os vários fatores que envolvem esse processo e suas complexidades. Óbvio que existem questões sociais, mas algumas são possíveis de serem sanadas, porque condizem com o papel do professor e até dos próprios pais diretamente nesse processo, onde simples atitudes são capazes de criar raízes profundas na vida de uma criança, no que tange sua

relação com o livro e a leitura de modo geral.

Existem casos de crianças de origem humilde, por exemplo, que se tornam leitores ávidos e crianças de classe alta que não tem o menor interesse na leitura depois de adultas, portanto, não se pode taxar que a questão é, meramente, social e que seja a referência maior para termos ou não um leitor assíduo no futuro.

É uma situação conjuntural em que não se pode atribuir uma única possibilidade para o fracasso do Brasil em conseguir formar leitores no Brasil:

Existem várias justificativas para o reduzido número de leitores no Brasil [...] concordamos com análise da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura(UNESCO) e acreditamos que o pouco valor simbólico atribuído aos livros; o fato de poucas famílias brasileiras terem o hábito da leitura; e ainda termos poucas escolas efetivamente investindo em programas de leitura são os fatores preponderantes para o desenho desse cenário. (BORGES, 2010)

Tudo começa na infância, já dizem os psicólogos e estudiosos da educação, é nessa fase que começam muitos interesses e aprendizados que serão primordiais para o resto da vida da criança. Comenius (2002, p. 169) afirma que “nas crianças, o amor pelo estudo deve ser suscitado e avivado pelos pais, pelos professores, pela escola, pelas próprias coisas, pelo método, pelas autoridades”. Se a maioria das pessoas soubessem o quão valioso e fértil é esse momento para se criar leitores ávidos, faria muito mais esforços para deixar que as crianças usufruíssem com muito mais naturalidade deste momento.

Destarte, a leitura em um dado momento passa a ser encarada como uma obrigação, o simples ato de ler vai tomando o lugar de uma árdua cobrança e aquele que seria um promissor leitor se transformam em um tímido aspirante a leitor e cada vez mais distante dos hábitos saudáveis da leitura. É preciso examinar onde tem ocorridos os erros e as lacunas nesse processo que envolve pais, professores e bibliotecários.

A leitura ainda é cercada de muitos mitos, como por exemplo, achar que a criança deve ser obrigada a ler o que lhe é imposto por pressuposição de ‘ser o melhor para ela’, mas se trouxermos uma reflexão à trajetória de um dos maiores nomes da educação, seria coerente repensar melhor essa postura (FREIRE, 1988, p.11). “Fui batizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro; gravetos, o meu giz”. A simplicidade é uma arma promissora.

Portanto, é preciso desmistificar o ato de ler e dar espaço, oportunidade de escolha e de decisão para cada um, sim, porque a criança pode fazer isso. Começar a ler e não finalizar, ler pelo início ou pelo final, variar os tipos de leitura ao mesmo tempo, também, são características fundamentais para aprimorar a leitura de qualquer indivíduo, independente até da idade. Não deve existir regras para o ato de ler, óbvio que determinadas leituras não cabem a determinadas idades.

Mas esse é o momento de repensarmos o real papel da educação: ajudar as pessoas a reproduzirem ideias ou serem capazes de ‘dialogar’ com o mundo ao seu redor como seres pensantes, que são, e cheias de potenciais. “O fim da educação não podem ser senão mais e melhor educação, no sentido de maior capacidade em compreender, projetar, experimentar e conferir os resultados do que façam” Dewey (1965, p.7)

Destarte, que essa criança precisará de orientação e não apenas será deixada a mercê de uma infinidade de possibilidade de leituras, que ela não saberá escolher naturalmente, caso existam obras que não venham a condizer com sua faixa, mas terminantemente, a imposição é um mal desnecessário.

Há que se lembrar que a educação não pode ser destituída do seu papel de levar o indivíduo a fazer as suas inferências pessoais, análises, assim como questionamentos consigo, mas acima de tudo com o mundo que o cerca, como foi já mencionado: “Deve, também, a educação conduzir o homem a uma clara visão de si mesmo, da natureza, da sua união com Deus.” (FRÖEBEL, 2001, p.24).

Assim, o texto tem como objetivo mencionar aspectos relacionados ao processo de leitura na infância, como a importância da espontaneidade no ato de ler e a responsabilidades dos agentes envolvidos neste processo, respaldando-se em teóricos da Educação, como Spencer (1924), Dewey (1965), Fröebael (2001), dentre outros.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica como parte das primeiras aproximações sobre o tema, que futuramente acompanhará pesquisas empíricas para resultados cada vez mais assertivos.

2. Tudo começa na infância

Engana-se quem pensa que essa fase é desprovida de qualquer conhecimento e que impor é uma condição natural à criança para que ela aprenda alguma coisa. No que se refere a leitura não é diferente, porque não existe aprendizado que não exija a capacidade de se ‘fazer leituras’, ressaltando, não só leitura de palavras, mas de mundo.

Compreender que a criança nasce com suas capacidades é uma condição fundamental para que a educação tome novos rumos, forme cidadãos conscientes de suas reais capacidades e possam ‘competir’ em igualdade na sociedade. “Todo homem nasceu com capacidade de adquirir a ciência das coisas, antes de mais nada porque é imagem de Deus” (COMENIUS, 1997, p.58).

Respeitar a vontade da criança, também, faz parte desse processo, por mais que pareça incongruente para alguns. Monitorar difere de impor, é preciso sensibilidade para alcançar o equilíbrio necessário nessa fase da vida da criança, sem sobrecarregá-la e, por outro, não lhe dar a devida assistência.

Mas não basta impor, a estimulação é um processo cuidadoso e delicado. A criança precisará ser orientada sobre qual a leitura mais indicada à sua faixa etária e os assuntos que naturalmente a interessam deverão ser o foco principal. Não basta dar o livro para que a criança leia. Acredito que o diferencial entre um adulto que foi orientado adequadamente e agregou à sua rotina o gosto pela leitura e aquele que se desinteressou quando se viu à vontade para optar por ler ou não ler, está exatamente aí: na sensibilidade de quem o acompanhou e o orientou adequadamente. (FONTES, 2002, p. 1).

A liberdade do ato de ler precisa e deve ser preservada, se pensarmos que há muito tempo existe uma educação que precisa rever seus valores e conceitos, ressaltar a importância da leitura é uma questão *sine qua non* para que existam futuros adultos, capazes de pensar com suas próprias análises, criar vínculo entre as situações cotidianas e serem capazes de expor suas convicções com coerência, como bem pontua o filósofo Spencer (1924) Cada qual, examinando o valor de qualquer categoria particular de conhecimentos, fará a sua demonstração sob o ponto de vista da aplicação que ela pode ter nos negócios da vida.

Essas e outras indagações estão, intrinsecamente, ligadas aos primeiros anos da infância, é preciso permitir que essa criança dê seus primeiros passos, não só fisicamente, mas rumo as suas leituras. “Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la.” (CHARTIER, 1990, p.123). Atentar para esses condicionamentos que refreiam a capacidade espontânea da criança precisa ser uma discussão constante no ambiente educacional.

A educação precisa favorecer a formação de indivíduos pensantes, que em suas relações sejam capazes de criar, somar, dividir. Observando outras perspectivas que não apenas as suas, ratificando. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos ‘sociedade’ (ELIAS, 1994, p. 23). Que adianta formar indivíduos que não interagirão em sociedade ou agirão de forma mecânica em uma sociedade que exige cada vez mais atitudes e posicionamentos contundentes, se nem mesmo somos capazes de deixá-la folhear, rabiscar, escolher e se deliciar com suas primeiras leituras.

Alguns teóricos da educação, inclusive, entendem que esse é considerado o “tempo da educação”, pois já nesse tempo a criança está aberta para todas as descobertas, sem os preconceitos e julgamentos da fase adulta, sendo mais fácil assimilar, criar, relacionar com toda verdade inerente a essa fase da vida. Fröebel ratifica (2001, p.71): “o segundo período – a infância propriamente dita, a época em que o homem deve ser considerado preferencialmente como unidade – é de uma maneira especial considerado o tempo da educação.”

Portanto, é muito provável que a criança que não recebe a devida atenção nessa fase, no que concerne a respeitar as dimensões da leitura na sua vida, terá um comprometimento evidenciado no futuro na sua relação com a leitura e a forma de visualizá-la, assim, a obrigação de ler vai ser uma premissa que o acompanhará em toda a sua fase adulta:

Assim, muitas vezes, é natural que nos sintamos desanimados com algumas leituras, e que custemos a iniciá-las, ou que, iniciando queiramos interrompê-las, com a proposta de fazê-lo por “pouco tempo”, na verdade, o “pouco tempo”; se estende, com a “desculpa” de “só mais um pouquinho...” e, se e quando chegamos ao fim, a sensação é de “alívio”: - “missão (árdua) cumprida! (RANGEL, 2000,p.25)

Decerto, reações como essas são mais comuns e familiares do que parece, porém não é uma situação que ocorre da noite pro dia, pois ninguém nasce sem gostar de ler, mas pode ir deixando, dependendo das suas influências e experiências, dos seus ‘mestres’ e da liberdade ou refreamentos que lhes serão impunham.

A professora Thereza Penna Firme, PhD em educação e psicologia da criança e do adolescente, tem pesquisas importantes no que tange o processo de avaliação que é aplicado nas escolas, e que deixa nítido como é preciso respeitar as individualidades das crianças para um melhor aproveitamento do seu aprendizado, crianças e jovens, decerto. e respeitar essas diferenças se faz imprescindível para que existam resultados mais reais e menos frustrações, que acarretarão problemas para o resto da vida desse futuro adulto.

“Além disso, por causa das diferenças individuais e das experiências que cada criança ou jovem tem no seu meio familiar, os alunos não aprendem ao mesmo tempo e do mesmo modo. É preciso respeitar esse ritmo e esse estilo. Não se pode punir um aluno por necessitar de mais tempo.” (PENNA FIRME, 2009).

Considerar a criança incapaz, certamente, já é um mau começo para qualquer atividade que diga respeito ao seu aprendizado, iniciar qualquer processo com os famosos estereótipos, já é um contexto propício para criar barreiras ao êxito futuro desta criança, como coloca a professora Penna Forte (2009) “É importante dar uma experiência positiva à criança que inicia seu processo de leitura e de escolarização, classificá-la de ‘fraca’ ou coisas semelhantes vai marcá-la por toda vida.”

Destarte, no que se refere à leitura não é diferente, pois para Penna Forte a leitura é uma aprendizagem contínua, que não se completa na 1ª série, começa antes da criança entrar na escola e continua durante todo o processo educacional inclusive na idade adulta.

3. Desmistificando o ato de ler A espontaneidade do ato de ler

Segundo Pennac (1998) e seus “direitos imprescritíveis do leitor”, ou seja, direitos que lhes são inerentes e, portanto, não lhes podem ser tirados, é perfeitamente natural atitudes, do leitor, como: pular páginas, de não terminar de ler o livro, de reler, de ler ‘qualquer coisa’, de ler em voz alta, de ler não importa aonde, e o direito de se calar. Atitudes essas, permitidas e perfeitamente condizentes com o processo de formação do hábito da leitura.

Essas concepções podem ser alarmantes e infundadas para alguns, mas completamente coerentes quando se entende que, a espontaneidade no ato de ler é umas das principais características para a formação de um leitor. “É absurdo supor que uma criança conquiste mais disciplina mental ou intelectual ao fazer, sem querer, qualquer coisa, do que ao fazê-la, desejando-a de todo coração” (DEWEY, 1965,p.62).

É preciso analisar o modelo de educação atual em vários aspectos, considerar a criança e o jovem como indivíduos capazes de criar, de buscar, de fazer suas próprias inferências é entender que essas são questões cruciais pra que não se torne mais um em meio a milhão.

É reflexivo pensar no exemplo do grande cientista Thomas Edison, que foi expulso da escola por ser considerado ‘retardado’, uma incongruência se pensarmos profundamente sobre o real papel da escola e dos educadores, pois justo a escola não foi capaz de reconhecer um ‘mestre’, assim a escola precisa ter um olhar menos preconceituoso e mais sensível. Só essa sensibilidade será capaz de reconhecer cada “Thomas Edison” que se encontra espalhado pelos cantos das salas, talvez, discriminados, subjugados e esquecidos:

Como se recusava a fazer as lições e a aceitar o que lhe era ensinado, os pais de Thomas Edison decidiram que a mãe passaria a cuidar de sua educação em casa. Foi por causa dessa mudança em sua vida que o pequeno Thomas Edison pôde se dedicar ainda mais à disciplina que lhe interessava: a ciência. (DUTRA, 2012).

Portanto, esse entendimento é fundamental para que a leitura seja desprovida de tantos preconceitos e regras paralisantes na vida da criança. Não existem mágicas, existe, sim, a necessidade de uma postura renovada e isso implica na formação de professores, de currículos, acima de tudo de mentalidade, sobretudo, no que tange a educação infantil, por isso foi explano inicialmente que se trata de um assunto complexo e que tem muitas questões a serem analisadas.

Vale ressaltar que os pais tem uma parcela fundamental nesse processo também, as concepções de espontaneidade serve pra eles, também, com mais uma observação de que precisam ser exemplos como leitores na vida de seus filhos. Pais que leem em casa são constatatadamente os principais mestres, só o fato de lerem já é um estímulo natural à criança.

A leitura precisa vir com leveza, não existe outro caminho para trazê-la e fazê-la ficar na vida do indivíduo, concepções de que “tem que ler o que se manda apenas, não se pode rabiscar, não se pode ler dois livros ao mesmo tempo nem pular capítulos...” essas e outras questões que parecem simples, são muito poucos respeitadas, quer seja pelos pais, quer seja pelos professores.

[...] não é para ser lido como se lê um tratado científico – postura adotada por muitos críticos de conteúdo dos livros didáticos. [...] Livro é para usar: ser carregado à escola; ser aberto; ser rabiscado [...]; ser dobrado; ser lido em voz alta em alguns trechos e em outros, em silêncio; ser copiado [...]; ser transportado de volta à casa; ser aberto de novo [...] (MUNAKATA, 1997, p. 204).

Sendo assim, agir contra isso, é desconhecer uma das leis básicas de todo bom aprendizado: o respeito as individualidades e a liberdade de escolha de cada um, pois constatatadamente, quem é mais livre para escolher tem mais atitudes criativas em vários aspectos de sua vida.

4. Considerações finais

Enquanto a leitura for vista apenas como uma ação mecânica, em que não exista o monitoramento necessário e adequado, concomitantemente ao entendimento de que a liberdade de escolha é imprescindível para formação do leitor, as mudanças não ocorrerão, em médio e nem em longo prazo, e será comum ver jovens no futuro incapazes, como já se é observado, de redigir uma única redação com coerência e coesão, mesmo em se tratando de temas da atualidade. Porque informação em demasia não se caracteriza como conhecimento, é preciso existir as correlações com a vida.

Por fim, é favorável (re) lembrar o papel da escola, das Instituições de ensino de modo geral, e dos professores, sobre seus reais propósitos, porque “a principal tarefa da escola é ajudar o aluno a desenvolver a capacidade de construir relações e conexões entre os vários nós da imensa rede de conhecimentos” (KLEIMAN; SILVA, 1999, p.89), esse é o caminho para as reformulações que se fazem necessárias a uma educação mais consciente e menos mecanicista, mais reflexiva e menos imponente.

Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadão (BRANDÃO, 1997, p.22).

Destarte, só poderemos avançar nesse sentido quando compreendermos o quão graves essas questões podem se tornar. Ora, quem não sabe ler, não sabe interpretar e interagir, conseqüentemente estará a mercê de uma sociedade cada vez mais competitiva e seletiva e que exige que as informações se transformem em conhecimento para vida.

Tornar-se leitor significa ter acesso aos escritos sociais sabendo encontrá-los onde eles estão. O leitor não é aquele que lê o livro que lhe é proposto, mas aquele que cria seus próprios meios de escolher os livros que irá ler, [...] é aquele que conhece os meios para encontrar e diversificar os textos ligados ao seu interesse. (FOUCAMBERT, 1994, p.135).

Quando a criança for observada como um ser com potencial e capaz, quando for menos subjugada e tratada como um ser sem emoções e reações, será possível pensar em um novo momento da educação. As reformas educacionais precisam alcançar questões minuciosas, e que tem relevância no contexto sócio, político e econômico, porque as questões educacionais são conjunturais, se pensarmos que essa criança mais tarde vai enfrentar a realidade da vida na fase adulta, entrar na Faculdade, vai precisar conseguir um emprego, conseguir mantê-lo, construir relacionamentos, gerir sua própria vida e entender o seu valor e o dos outros na sociedade são questões que estão pautadas na educação, também. Silva (2003, p.70) argumenta que introduzir uma criança no mundo da leitura é, exatamente, trazer esse universo para a escola e dinamizá-lo ininterruptamente junto às novas gerações que precisam ser educadas para se tornarem cidadãs, saberem seus deveres e de direitos, incluindo o de ler.

Referências

BORGES, Ana Gabriela Simões; ASSAGRA, Andressa Grilo; DE ALDA, Clarice Guterres. (Org.). **Leitura: o mundo além das palavras**. Curitiba:

Instituto

RPC,

2010.

Disponível

em:

<<http://www.institutogrpc.com.org.br/clientes/irpc/portal/Files/News/file/livro-leitura.pdf>>. Acesso em 13 de Julh. 2015.

BRANDÃO, Helena. **Aprender a ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 1997.

BRASIL. Balanço e perspectivas de pesquisa. In: **A escola e seus atores: educação e profissão docente**. PEIXOTO, Ana Maria Casassanta; PASSOS, Mauro (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 13-28.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Tradução de: Maria Manuela Galhado. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COMENIUS, John. **Didática Magna**. São Paulo, Martins fontes, 2002.

DEWEY, John. **Vida e educação**: a criança e o programa escolar: interesse e esforço. Tradução de: Anísio S. Teixeira. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

DUTRA, Katia. **A genialidade de Thomas Alva Edison**. 2012 Disponível em: <<http://redes.moderna.com.br/2012/09/04/a-genialidade-de-thomas-alva-edison/>>. Acesso em: 21 de Abr. 2015.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

FARIA FILHO, Luciano Mendes et all. A história da feminização do magistério no Brasil: balanço e perspectivas de pesquisa. In: **A escola e seus atores**: educação e profissão docente. PEIXOTO, Ana Maria Casassanta; PASSOS, Mauro (Orgs). Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 13-28.

FERRARI, Márcio. **Pedagogia**: Herbert Spencer. Educar para crescer. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/herbert-spencer-307364.shtml>> Acesso em: 12 Abr. 2015.

FONTES, Marta. **Aprendendo a gostar de ler**. Disponível em: <<http://www.aonp.org.br/fso/revista11/rev1123.htm>>. Acesso em: 11 Abr. 2015.

FOUCAMBERT, Jean. A criança, o professor e a leitura. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 22.ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p.

FROEBEL, Friedrich W. A. **A educação do homem**. Tradução de: Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001.

KLEIMAN, Angêla B; MORAES, Sílvia E. **Leitura e interdisciplinaridades**: projeto da escola. São Paulo: Mercado de Letras, 1999. (Coleção ideias sobre linguagem).

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 1997. 218 f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

PENNA FIRME Thereza. Mitos na avaliação: diz-se que... **Meta: avaliação**, Rio de Janeiro. v.1, n.1, p.1-10, jan/abr. 2009.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PLOENNES, Camila. Reflexões sobre como conquistar mais leitores. **REVISTA EDUCAÇÃO**. São Paulo, n. 186, out. 2012. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/186/por-que-o-brasil-ainda-le-pouco-271530-1.asp>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

RANGEL, Mary. **Dinâmicas de leitura para sala de aula**. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2000.

REDAÇÃO EDUCAR. Como ensinar a seu filho que ler é um prazer: dicas de como ensinar seu filho a ler todos os dias e, assim, ter amor pelos livros. **EDUCAR PARA CRESCER**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/186/por-que-o-brasil-ainda-le-pouco-271530-1.asp>>. Acesso em: 16. Dez. 2013.

SILVA, E. T. Conhecimento e cidadania: quando a leitura se impõe como mais necessária ainda! In: _____. Conferências sobre leitura: trilogia pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2003.

SPENCER, Hebert. **Educação intelectual, moral e physica**. Versão do inglês por: Emygdio D' Oliveira: Porto: Casa editora Alcimo Aranha & C^a, 1924.

VERNEY, Luís António. **Verdadeiro método de estudar**: cartas sobre retórica e poéticas. Lisboa: Proença, 1991.

Especialista em Gestão de pessoas. Bibliotecária formada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) Coordenadora do Núcleo de Desenvolvimento de Coleções do Instituto Federal de Sergipe (IFS).

E-mail: angilene@gmail.com

Recebido em: 15/07/2015

Aprovado em: 15/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: